

<http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072016002770015>

VIOLÊNCIA DE GÊNERO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMILIARES¹

Vanda Palmarella Rodrigues², Juliana Costa Machado³, Washington da Silva Santos⁴, Maria de Fátima de Souza Santos⁵, Normélia Maria Freire Diniz⁶

¹ Texto extraído da tese - Representações sociais de familiares sobre a violência de gênero, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2015. Bolsa Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

² Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Saúde II da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: vprodriues@uesb.edu.br

³ Mestre em Enfermagem e Saúde. Professora do Departamento de Saúde II da UESB. Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: julicmachado@hotmail.com

⁴ Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade. Professor do Departamento de Saúde I da UESB. Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: wssfisio@hotmail.com

⁵ Doutora em Psicologia. Professora da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: mfsantos@ufpe.br

⁶ Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Enfermagem da UFBA. Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: normeliadiniz@gmail.com

RESUMO: Analisou-se as representações sociais de familiares sobre a violência de gênero. Pesquisa qualitativa fundamentada na Teoria das Representações Sociais. Participaram do teste de associação livre de palavras 81 familiares de mulheres em situação de violência de gênero cadastrados em Unidades de Saúde da Família de Jequié, Bahia. Os dados foram submetidos à análise fatorial de correspondência no *software Tri deux mots*. A representação de familiares sobre a violência de gênero encontra-se ancorada nas relações desiguais de gênero, observadas na hierarquia das relações sociais estabelecidas entre a mulher e o homem, legitimando a violência de gênero. Os familiares mais jovens destacaram atitudes machistas e os de 40 anos ressaltaram o papel cuidador da mulher. As pessoas da religião evangélica enfatizaram a subalternidade da mulher e os de outras religiões, o sofrimento. Ressalta-se a necessidade de implementação de ações dos serviços de saúde no enfrentamento da violência, considerando essas representações.

DESCRIPTORES: Violência contra a mulher. Saúde da família. Gênero e saúde. Enfermagem.

GENDER VIOLENCE: SOCIAL REPRESENTATIONS OF RELATIVES

ABSTRACT: This study aimed at analyzing the social representations of gender violence by family members. A qualitative study based upon the Theory of Social Representations. The free word association test was undertaken by 81 relatives of women who suffered gender violence registered in Family Health Units of Jequié, Bahia. The data were submitted to correspondence factorial analysis in the *Tri-deux-mots* software. The relatives' representation of gender violence is rooted in unequal gender relations observed in the hierarchy of social relations between the man and the women, which legitimizes gender violence. Younger relatives highlighted the sexist attitudes while those aged 40 years and older highlighted the role of women as caregivers. Evangelical relatives emphasized the subordination of women while relatives who follow other religions emphasized the suffering. We emphasize the need to implement actions to address violence considering these representations in the healthcare services.

DESCRIPTORS: Violence against women. Family health. Gender and health. Nursing.

VIOLENCIA DE GÉNERO: REPRESENTACIONES SOCIALES DE LOS FAMILIARES

RESUMEN: Se objetivó analizar las representaciones sociales de familiares sobre la violencia de género. Investigación cualitativa fundamentada en la Teoría de las Representaciones Sociales. Participaron en el test de asociación libre de palabras 81 familiares de mujeres en situación de violencia de género inscritos en Unidades de Salud de la Familia de Jequié, Bahía. Los datos fueron sometidos a análisis factorial de correspondencia en el *software Tri deux mots*. La representación de familiares sobre la violencia de género se encuentra anclada en las relaciones desiguales de género, observadas en la jerarquía de las relaciones sociales establecidas entre la mujer y el hombre legitimando la violencia de género. Los familiares más jóvenes destacaron actitudes machistas y los de 40 años resaltaron el papel cuidador de la mujer. La gente de la religión evangélica enfatizó el papel subalterno de la mujer y otras religiones, el sufrimiento. Resaltamos la necesidad de implementación de acciones en los servicios de salud no enfrentamiento de la violencia, considerando esas representaciones.

DESCRIPTORES: Violencia contra la mujer. Salud de la familia. Género y salud. Enfermería.

INTRODUÇÃO

A violência de gênero é permeada pela hegemonia do poder masculino inerente às relações entre mulheres e homens e pela subalternidade feminina, baseada na hierarquia de gênero; também a atravessam as imagens reprodutoras dos papéis sociais que definem o ser mulher e o ser homem.¹

Estudo realizado a partir de dados de 66 países estimou que em cada sete homicídios de mulheres (13,5%) é cometido por parceiro íntimo.² Das notificações de casos de violência no Recife-PE em 2012, 67,3% foram de pessoas do sexo feminino com idades entre 20 e 39 anos (36,5%), aparecendo o cônjuge como agressor principal nas violências física (17,5%) e psicológica (27,5%).³

Estes dados reafirmam que as relações de poder exercidas por alguns homens sobre a mulher parecem contribuir para a ocorrência da violência de gênero. A justificativa das diferenças biológicas para a construção social desigual para a mulher e o homem confirma a dominação masculina. Nessa perspectiva, gênero, ao ser definido como elemento integrante das relações sociais fundado sobre as diferenças construídas entre os sexos, é uma primeira forma de significar as relações de poder.^{4,5}

Ao buscar explicar a violência contra a mulher, a categoria sociológica gênero permite a abordagem da diversidade dos processos de socialização de homens e de mulheres, contrapondo-se à naturalização das desigualdades entre os sexos, que afasta a mulher de sua emancipação social. A violência de gênero é motivada pelas expressões de desigualdades entre o ser mulher e o ser homem que têm início nas relações familiares.^{1,6}

Considerando-se que a família é um grupo social concreto onde os discursos sociais e as construções ideológicas vigentes no meio cultural em que esse grupo se insere são transversais, os estudos focados na família precisam evidenciar o plano das práticas sociais efetivas e as construções discursivas e ideológicas, com suas representações e valores.⁷

O objeto deste estudo são as representações sociais de familiares de mulheres sobre a violência de gênero. Para isso, tomamos por base a Teoria das Representações Sociais (TRS), considerando que todas as interações humanas pressupõem e caracterizam representações e influenciam o comportamento da(o) participante de uma coletividade como produto das ações e comunicações.⁸

Buscamos, pois, uma aproximação com a realidade a partir da compreensão de questões sociais, culturais, históricas e ideológicas que permeiam este universo, bem como do comportamento desses familiares a partir da convivência nesse contexto.

Pretendemos, com esta pesquisa, contribuir para o embasamento das práticas das(os) profissionais de saúde e de ações de ensino, pesquisa e extensão em cursos nas áreas de educação e de saúde, para o enfrentamento da violência de gênero, visando a superar as desigualdades de gênero socialmente estabelecidas.

O objetivo deste artigo foi analisar as representações sociais de familiares sobre a violência de gênero.

MÉTODO

Pesquisa de abordagem qualitativa realizada com 81 familiares de mulheres em situação de violência de gênero cadastrados em dez Unidades de Saúde da Família (USFs) do município de Jequié, interior da Bahia, entre os quais mãe, pai, irmã(ão), filha(o), sogra, prima(o), nora, genro e cunhada(o). Os dados foram coletados entre abril e setembro de 2014, por meio do Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e da entrevista semiestruturada (81 e 19 familiares, respectivamente).

A coleta de dados foi iniciada após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, sob o parecer n. 456.776/2013, CAEE 23641513.8.0000.5531, e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Os 81 familiares foram selecionados a partir da indicação das(os) Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) das referidas USFs, considerando os seguintes critérios de inclusão: familiares de mulheres em situação de violência que residem no mesmo domicílio da mulher ou em domicílio próprio, cadastradas(os) na USF, maiores de 18 anos, com ou sem vínculo consanguíneo e com capacidade de manter a comunicação verbal.

Após a realização do TALP, 19 dos 81 familiares foram chamados a participar da entrevista, considerando o interesse, disponibilidade e a saturação empírica dos dados, partindo-se da questão: fale-me sobre a vivência da violência doméstica na sua família.

À (Ao) participante coube a escolha do local do TALP, sendo 11 individualmente na USF e 70 no domicílio. Nesta oportunidade, solicitamos que os familiares falassem cinco palavras para cada estímulo: família, ser homem, ser mulher, violência doméstica e violência doméstica contra a mulher. As variáveis fixas (sociodemográficas) utilizadas foram vínculo familiar, idade, religião e escolaridade.

Inicialmente, as palavras foram organizadas em cinco dicionários para cada estímulo, incluindo todas as evocações, agrupadas de acordo com a frequência de repetição e a similaridade semântica; posteriormente, construímos um banco de dados em que constam a caracterização sociodemográfica e as evocações de cada familiar.

Os dados deste banco foram submetidos ao *software Tri Deux Mots* versão 2.2 Cibois de 1995 e interpretados a partir do processo de Análise Fatorial de Correspondência (AFC).⁹ Este programa configura a análise num gráfico composto por dois eixos, F1 e F2, onde as palavras que apresentam maior significância entre as atrações e oposições são destacadas.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em um local que propiciasse conforto e sigilo, indicado pelo familiar, sendo realizadas 11 na USF e oito no domicílio, cada qual durando em média 40 minutos. Os dados das entrevistas foram organizados de acordo com a técnica de análise de conteúdo, modalidade temática, procedendo-se inicialmente à pré-análise e em seguida à codificação dos dados e à classificação, estabelecendo, assim, os temas.¹⁰ Em seguida, buscamos articular as evocações provenientes da AFC com as falas dos familiares, fundamentando-as na categoria analítica gênero.

Para garantir o anonimato dos participantes, utilizamos a numeração da família na ordem crescente de realização da entrevista, seguida do vínculo familiar com a mulher em situação de violência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 81 familiares, 73 eram do sexo feminino e oito, do sexo masculino. Do total de mulheres, 44 tinham entre 18 e 39 anos e 29, entre 40 e 73 anos; entre os homens, sete tinham entre 18 e 39 anos.

Em relação à escolaridade das mulheres, 32 não eram alfabetizadas e/ou cursaram até o ensino fundamental e 41 tinham do ensino médio ao ensino

superior; entre os homens, quatro cursaram o ensino médio, nenhum o ensino superior.

Quanto à religião, 34 das mulheres eram evangélicas, 12 acreditavam em Deus, mas não tinham religião, e duas tinham outras religiões; entre os homens, quatro eram católicos, dois evangélicos e dois acreditavam em Deus, mas não tinham religião.

A análise e o tratamento dos dados consideraram as respostas que apresentavam frequência igual ou superior a quatro evocações de cada estímulo indutor. O vínculo familiar não influenciou no percentual total de respostas, o que parece demonstrar uma uniformidade de pensamento destes familiares com relação ao objeto de estudo, independentemente de o vínculo parental ser de primeiro (66,70%) ou segundo grau (33,30%).

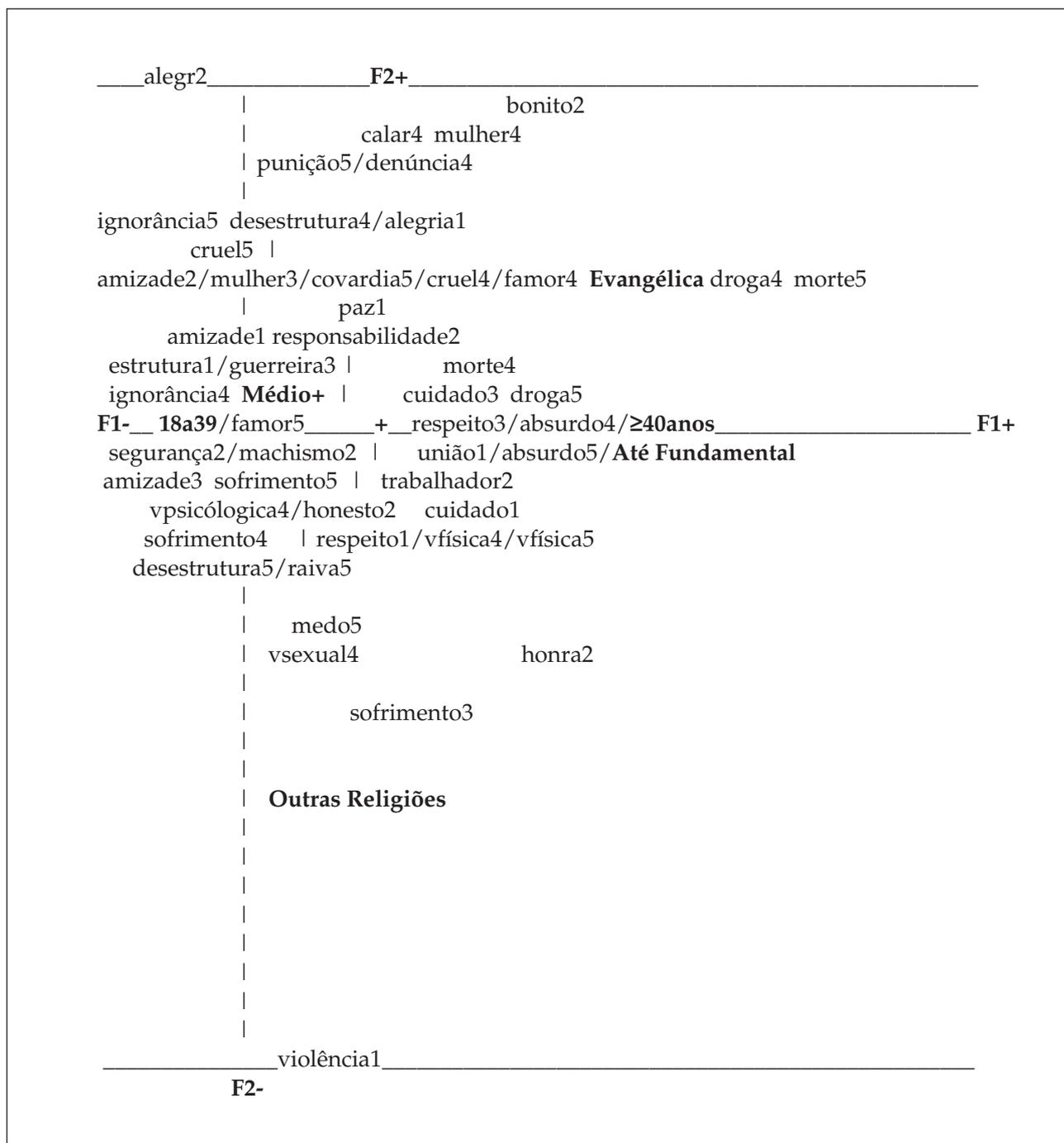
A religião católica tampouco influenciou o percentual total de respostas, demonstrando uma uniformidade de pensamento destes familiares com relação ao objeto de estudo, independentemente de os familiares afirmarem ser de religião católica (35,8%), religião evangélica (44,4%) e de outras religiões; somados aqueles que, embora acreditando em Deus, não tinham religião (19,8%).

Foram evocadas 2024 palavras pelos 81 familiares constituintes da amostra, sendo computadas 123 palavras diferentes. O fator 1 (F1), representado na linha horizontal, explica 51,3% da variância total de respostas, com alta significância.

Para fins de análise, nós nos baseamos nas palavras evocadas, configuradas no gráfico nos dois eixos que apresentam um número correspondente ao estímulo aplicado. As variáveis fixas destacadas em negrito, conforme se observa na figura 1, identificam as atrações e oposições, visando a explorar os princípios organizadores que formam um sistema de representações.

Este é compreendido como um conhecimento socialmente partilhado, constituído por elementos representacionais que se inter-relacionam, de forma a que a coerência e o sentido configurem uma rede de significações e símbolos.¹¹

Para isso, buscamos uma articulação a partir da evocação dos estímulos, pois estes constituem elementos representacionais imbricados, formando um sistema de saberes sobre a violência de gênero que exige a incorporação de questões relacionadas à família, ao ser homem, ser mulher, violência doméstica e violência doméstica contra a mulher.



Plano fatorial	Estímulos indutores
Fator 1 (F1) = [eixo horizontal - esquerda (negativo) e direita (positivo)].	1 - Família
Fator 2 (F2) = [eixo vertical - superior (positivo) e inferior (negativo)].	2 - Ser homem
F1(+) Familiares de 40 anos e mais, não alfabetizadas até o ensino fundamental	3 - Ser mulher
F1(-) Familiares de 18 a 39 anos, com ensino médio ao ensino superior	4 - Violência doméstica
F2(+) Familiares de religião evangélica	5 - Violência doméstica contra a mulher
F2(-) Familiares que acreditam em Deus, mas não tem religião e de outras religiões.	
Variáveis fixas: vínculo familiar, idade, religião, escolaridade.	

Figura 1 - Análise fatorial de correspondência das representações sociais de familiares sobre a violência doméstica contra a mulher, Jequié-BA, Brasil, 2014

Com relação ao fator 1 (F1), observamos uma oposição entre a idade e a escolaridade dos familiares, sendo que as palavras localizadas no lado direito do gráfico (F1+) correspondem às evocações mais frequentes de familiares com idade igual ou superior a 40 anos e não alfabetizados ou que possuem até o ensino fundamental completo. Já as evocações do lado esquerdo do eixo das ordenadas (F1-) refletem os universos semânticos a que fazem referência os familiares com idades entre 18 e 39 anos e níveis de escolaridade compreendidos entre o ensino médio e o ensino superior.

No eixo F1+ os familiares parecem reunir elementos organizados em torno do modo como eles pensam que deve ser a convivência humana na família no contexto da violência de gênero.

No estímulo 1 (família) este grupo de familiares evocou as palavras paz, união e cuidado. Ao idealizarem a família através da boa convivência familiar, eles nos levam a inferir que estas representações conduzem para aquilo que deve ser o ideal em uma família, considerando as relações de violência vivenciada no espaço domiciliar, como neste exemplo: [...] *aquelas briga, falta de união [...] batia nela, aquela violência* (Família 19, mãe).

Com relação ao estímulo 2 (ser homem) os familiares evocaram as palavras bonito, trabalhador e honra. Para esses familiares, o valor dado ao homem diz respeito aos atributos ancorados no poder, simbolizado pela beleza, trabalho e honra. O homem, ainda segundo eles, assume o papel social de provedor das despesas familiares: [...] *ela não trabalhava de jeito nenhum, ele que trabalhava, saía na segunda, chegava na sexta [...]* (Família 16, sogra).

Ao assumir o papel de provedor das necessidades materiais da família, o homem constitui o elemento de maior peso na definição da virilidade. Por isso eles são os mais afetados quando, por exemplo, ficam desempregados e sem condições de cuidar do núcleo familiar, o que gera um profundo sentimento de impotência, disso podendo resultar violência e impotência sexual.¹²

A evocação do termo honra por estes familiares reforça os princípios da cultura da honra, que segue um modelo patriarcal: o homem, segundo esse modelo, deve zelar pelo comportamento moral e sexual das mulheres.¹³

Em relação ao terceiro estímulo (ser mulher), as palavras evocadas foram cuidado e respeito, o que pode indicar que a violência está ancorada nas questões culturais: nesse contexto, a mulher seria responsável pelo cuidado ou haveria a necessidade respeito à mulher.

As entrevistas reafirmaram este papel social de cuidadora assumido pela mulher, principalmente quando a mãe ressaltou a dedicação da filha ao agressor; desse modo, ela estaria desempenhando sua função, não deixando espaço para a ocorrência de agressões: [...] *ela não dá direito nenhum pra ele ser agressivo com ela. Que ela cuida direitinho da casa, dos filho, cuida dele, tem a roupinha limpa [...]* (Família 14, mãe).

Ao falar sobre o cumprimento das exigências impostas pela sociedade para a mulher, a saber, cuidar dos afazeres domésticos e principalmente do companheiro, a entrevistada exacerbou questões de gênero e poder: isso nos leva a pensar em se é possível ter direitos nesse contexto. Podemos considerar que a representação da mulher é a de desempenhar o papel de cuidar da família, enquanto os elementos das representações sociais sobre o ser homem o colocaram no espaço público, na função de provedor.

Os familiares desse grupo afirmaram ainda que o fato de a mulher não cuidar dos afazeres domésticos servia ao companheiro de motivo para agredi-la: com isso mais uma vez se reafirma que os papéis sociais da mulher e do homem, socialmente naturalizados, parecem legitimar a violência de gênero, como fica claro no relato a seguir: [...] *ela saía muito, largava as crianças em casa sozinha [...]* [agressor] *começava a dizer que ela não fazia as coisas dentro de casa, não lavava as roupa dele e brigava muito mais ela, batia [...]* (Família 16, sogra).

O estudo ressaltou que em geral a violência está ligada principalmente ao que acontece no domicílio, predominando aí a dominação masculina.¹⁴

Ao estímulo 4 (violência doméstica) esse grupo de familiares evocou os seguintes termos: mulher, droga, absurdo e morte: a droga precipitaria a violência e a morte seria o desfecho dos atos agressivos, o que é considerado um absurdo. Tais evocações suscitam reflexões sobre a condição cultural da mulher, o uso de drogas representando um agravante de tal condição.

A violência doméstica é aqui objetivada nas ideias de droga e morte, sendo a mulher a vítima. Este conteúdo parece ancorado nos valores culturais que estabelecem uma relação desigual de gênero, na qual é a mulher a vítima da violência. Ressalte-se que a droga pode ser uma tentativa de estabelecer uma relação de causa e efeito com a violência: assim, explicar-se-ia o comportamento violento enquanto efeito da droga. Por outro lado, chama à atenção a presença de um elemento normativo que explicita um posicionamento negativo com relação à violência doméstica. Essa interpretação parece ser

confirmada pelas evocações dos sujeitos ao estímulo indutor “violência doméstica contra a mulher”.

No estímulo 5 (violência doméstica contra a mulher), as seguintes palavras foram evocadas: violência física, absurdo, droga e morte, o que pode significar que a violência doméstica contra a mulher é mais visível sob a forma de violência física, uso de drogas e morte.

Evocam-se aí os mesmos elementos lembrados com a expressão “violência doméstica”, o que parece reforçar a ideia de que se pensa que a violência doméstica contra a mulher é causada ou precipitada pelo uso da droga, vitimando a mulher. Mais uma vez, aparece o posicionamento contrário a essa forma de violência, o que indica a apropriação de novos valores pelos sujeitos investigados, que provavelmente se posicionam favoravelmente a relações de gênero mais igualitárias.

Nesse âmbito, os saberes dependem de um contexto social e psicológico de onde nascem e estão enraizados em um modo de vida que possibilita a compreensão de formas específicas de comunicação, de inter-relações, de práticas formadoras e transformadoras dos processos psicossociais, configurando as representações sociais.¹⁵

Nas entrevistas, os familiares se referiram ao uso de drogas enquanto fator potencializador da violência física, podendo levar à morte.

[...] *cachaça e droga, maconha, cocaína, tudo elas usam [três filhas] [...] tudo já foi violentada [...] ele tava no presídio ligou pra ela disse que ia matar quando saísse do presídio, que ia degolar o pescoço dela [...]* (Família 02, mãe).

[...] *ela bebe cachaça e o homem também bebe, o homem também usa droga, ela fica bêbada e o homem doido bate nela [...]* (Família 06, mãe).

Nesse contexto, o uso abusivo de drogas potencializaria a violência de gênero.¹⁶⁻²² Além disso, os dois relatos retrataram, no contexto da violência de gênero, o uso abusivo de álcool e drogas pela mulher e o envolvimento com o companheiro presidiário. Estudo constatou a associação entre a violência por parceiro íntimo e o uso de álcool tanto pelo homem quanto pela mulher, o etilismo da mulher aumentando o risco.²⁰

Ao analisarmos o F1-, inferimos que os familiares com idade entre 18 e 39 anos e escolaridade de ensino médio a superior representaram o vivido da violência de gênero.

Para o estímulo 1 (família), esses familiares evocaram as palavras amizade e estrutura. No imaginário social desses familiares, a família, podemos

inferir, foi idealizada como estrutura, propiciando a amizade entre as pessoas: eles se ancoraram na visão tradicional da família como espaço que deve oferecer estrutura de cuidado para as pessoas que a integram.

Estudo sobre representações da família percebeu que a família é compreendida como um espaço de vivências e construção de relações que por um lado dá apoio e por outro produz conflitos. Mas, se considerarmos que estes conflitos podem ser superados, a família passa a ser concebida como a base de tudo, ou seja, das relações sociais, do desenvolvimento humano e do processo saúde-doença, representando o primeiro nível de atenção à saúde.²³

Em geral, a família é representada através de sentimentos como amor, carinho, felicidade, união; idealizada como a família feliz veiculada nos filmes, novelas, livros de histórias, contos de fada, valoriza as formas de interação com base nas relações de amizade e afeto entre pessoas que tenham um significado na relação de apoio e de troca, o que pode também ser entendido como uma forma de proteção contra o sofrimento que a realidade traz, marcada pelas privações, pelo abandono e pela violência.²³

Ao segundo estímulo (ser homem), esses familiares evocaram as palavras segurança e machismo. Apesar das mudanças observadas na contemporaneidade, o homem é visto pelos familiares do estudo como aquele que passa segurança e tem atitudes machistas, reafirmando as relações hierárquicas entre a mulher e o homem, principalmente no contexto da violência de gênero, fato que também foi apontado nas entrevistas: [...] *machismo é gritante, a gente vive num mundo que o homem ele se acha o dono da situação e que mulher tem que obedecer [...] ser submissa, apanhar todo dia, sofrer violência [...]* (Família 17, irmã); [...] *homens que acha que a mulher é propriedade dele [...]* (Família 25, prima).

Esse grupo de familiares expressou, a partir desses relatos, que as atitudes machistas ainda são gritantes, pelo fato de o homem se sentir o dono da situação ou entender que a mulher é propriedade dele, o que legitima sua posição social de superioridade e de seus atos violentos sobre a mulher, o que confirma o que foi dito em outros estudos.^{16-17,23-24}

Ao terceiro estímulo (ser mulher) esses familiares mencionaram as palavras guerreira e amizade, podendo indicar que o ser guerreira decorre da luta da mulher pela inserção no espaço público, diante das hierarquias socialmente estabelecidas, que as colocam em posição desfavorável em relação ao homem. Além disso, ao mesmo tempo em que a mulher se encontra no espaço público, representa a harmonia no espaço privado.

Do quarto estímulo (violência doméstica) surgiram as seguintes palavras: ignorância e sofrimento, parecendo indicar que o sofrimento decorreria da ignorância, com base no seu cotidiano e no convívio social. O sofrimento da mulher foi destacado: [...] *espancou ela durante o tempo todo que ele viveu com ela, batia muito nela, um sofrimento [...]* (Família 09, irmã).

Para o estímulo 5 (violência doméstica contra a mulher), esse mesmo grupo de familiares evocou os seguintes termos: ignorância, covardia, falta de amor, sofrimento, desestrutura e raiva, destacando o sofrimento psíquico proveniente das relações de violência, como podemos observar no relato: [...] *muito sofrimento, tristeza, a mulher fica depressiva, não consegue mais cuidar das suas coisas [...]* (Família 09, irmã).

O adoecimento psíquico da mulher, fato destacado pelo estudo, coaduna-se com os achados da literatura.^{17,24-25} Estudo mostrou que as marcas no corpo da mulher em situação de violência de gênero sempre eram acompanhadas por grande sofrimento moral, exacerbado pela condição vulnerável de vitimização.²⁴

Ao analisar as atrações e oposições observadas a partir das evocações no F1+ e no F1-, destacamos que as representações inerentes aos dois grupos demonstraram uma atração pela idealização da família, ancorada na visão de estrutura familiar e de amizade, mesmo que nas entrevistas esses familiares tenham evidenciado a existência de violência neste espaço.

A atração observada entre as representações desses dois grupos de familiares decorreu ainda dos elementos trazidos por estes ao reafirmarem a manutenção do poder do homem na sociedade contemporânea, responsável pela segurança e provimento material do lar.

As oposições encontradas se referem ao fato de que o primeiro grupo representou uma visão de que esta mulher deve estar submissa ao homem, assumindo os afazeres domésticos no espaço privado, enquanto para o segundo grupo de familiares a mulher busca afirmar seu papel social a partir da sua inserção no espaço público.

Sobre o fator vertical (F2), a análise foi baseada na religião. Na parte superior do gráfico, que corresponde ao eixo das abscissas (F2+), estão localizadas as evocações dos familiares da religião evangélica, as palavras situadas na parte inferior do gráfico (F2-) correspondendo às evocações de familiares que acreditam em Deus, mas não têm religião e de outras religiões.

No fator F2+, de modo geral, destacamos que os familiares de religião evangélica apresentam representações que traduzem o contexto da violência de gênero no espaço público, associando a isso também o enfrentamento da violência.

Nesse contexto, no estímulo 1 (família) eles evocaram as palavras alegria e paz. Este grupo de familiares também percebeu que a família denota paz e propicia alegria, traduzindo uma idealização de convivência familiar aceitável na sociedade, o que nem sempre acontece, como relatou a filha ao falar sobre o comportamento agressivo do pai: [...] *já chegava querendo agredir, querendo bater [...]* (Família 03, filha).

Por sua vez, a representação social desempenha importantes funções na manutenção da identidade e do equilíbrio sociocognitivo de um grupo, ao mobilizar as defesas diante do novo, temendo que configurem ameaça ao *status quo*, aos valores dominantes e ao pensamento definido como modelo a ser seguido pelos grupos políticos e religiosos.²⁶ Por isso, esta idealização parece ter sido influenciada pelos ensinamentos religiosos, o que destaca a sua identidade grupal e reafirma o pertencimento dos familiares a este grupo.

Quanto ao estímulo 2 (ser homem), as palavras evocadas pelos familiares foram alegria, amizade e responsabilidade, corroborando as atitudes socialmente aceitas para o homem, incorporadas e construídas no seu imaginário social, de que o homem deve ser alegre, amigo e demonstrar responsabilidade para com a família e a sociedade em geral.

No terceiro estímulo (ser mulher) foi evocada a palavra mulher, destacando os atributos de feminilidade e sensibilidade inerentes ao ser mulher: no imaginário social dos familiares do estudo parece claro que a inserção da mulher na sociedade tem relação com a sua fragilidade, como também se observou no seguinte relato: [...] *teve o dente já quebrado, foi um murro que ele deu nela, ela é tão frágil, ela não aguenta com ele, porque ele é forte [...]* (Família 07, irmã).

O estudo mostrou que a fragilidade da mulher exacerbou sua falta de poder em relação ao homem e conseqüente subalternidade, facilitando as agressões.

No estímulo 4 (violência doméstica) os familiares de religião evangélica evocaram os seguintes termos: denúncia, calar, mulher, desestrutura, cruel, falta de amor e droga. Ao representar a violência doméstica, eles parecem demonstrar que o que ocorreu com a mulher foi um ato de crueldade motivado pela falta de amor, pelo uso de drogas. Isso ocasionaria

a desestruturação familiar, indicando a necessidade de denúncia no sentido de punir as pessoas que cometeram os atos violentos como criminosos.

O uso abusivo de álcool e drogas pelo companheiro enquanto potencializador da violência de gênero é confirmado em outras pesquisas.^{16-17,22,27}

A desestruturação familiar pelo uso de drogas e gravidez na adolescência foi destacada na fala do filho: [...] *pode assim provocar danos não só no casal, ou na mulher ou no homem, quanto nos filhos também, e não deixa de ser um reflexo das consequências da violência doméstica [...]. Uma família destruída, a influência das brigas, pensava logo em esquecer aquele momento e ia me drogar, minha irmã engravidou [...]* (Família 24, filho).

O depoimento mostra que a violência não atinge apenas a mulher e o homem, mas principalmente as(os) filhas(os), que tomam o caminho do uso de drogas ou da gravidez na adolescência, desestruturando toda a família, o que outros estudos confirmam.^{22, 27}

No que concerne ao estímulo 5 (violência doméstica contra a mulher), os familiares de religião evangélica evocaram as seguintes palavras: punição, ignorância, cruel e covardia, o que nos leva a inferir que para esses familiares a violência doméstica contra a mulher foi reflexo da ignorância do homem, da covardia e crueldade de seus atos. Por isso deve-se viabilizar a punição do agressor pelo crime cometido.

No fator F2-, ressaltamos que as representações dos familiares de outras religiões parecem contextualizar o âmbito privado relacionado com a violência de gênero.

No estímulo 1 (família), evocaram-se as palavras respeito e violência, evidenciando que, apesar de a ideia de que deva haver respeito entre as pessoas de uma família seja socializada, a violência ainda ocorre: [...] *Ele bate nela, xinga ela [...]* (Família 07, irmã).

Em relação ao estímulo 2 (ser homem), o grupo de familiares de outras religiões evocou as seguintes palavras: trabalhador e honesto, parecendo denotar que o homem deve ser o provedor das despesas familiares. Também trouxeram uma representação ancorada nas questões culturais, dicotomizando os papéis sociais do homem e da mulher: o homem trabalha, mantém as despesas e a mulher assume a obrigação com o cuidado.

As representações sociais de famílias em contexto de vulnerabilidade são calcadas em convicções culturais, ao definir o homem como provedor das necessidades da família. Já as mulheres ficam

basicamente restritas ao papel de mães, e nem as transformações ocorridas recentemente na sociedade e na vida das mulheres foram suficientes para mudar isso.²³

No terceiro estímulo (ser mulher) esses familiares evocaram a palavra sofrimento: este, inferimos, pode ser expresso pelo vivido da violência na relação afetiva entre a mulher e o homem, observada no seu cotidiano.

No quarto estímulo (violência doméstica), esses familiares se expressaram a partir dos seguintes termos: sofrimento, violência física, violência psicológica e violência sexual. Para esses familiares, podemos inferir, a violência doméstica reforçou a ideia de sofrimento manifestada por meio das violências física, psicológica e sexual.

No quinto estímulo (violência doméstica contra a mulher), os familiares evocaram as palavras violência física, sofrimento, desestrutura, raiva e medo, para assinalar a mulher em situação de violência física levando ao sofrimento. Os sentimentos de medo e raiva podem estar relacionados com a situação da mulher, mas também com as dificuldades dos familiares de lidar com as ameaças do agressor e a situação de desestruturação familiar, respectivamente, decorrentes da vivência da violência.

No fator 2, as representações dos dois grupos evidenciaram oposições: enquanto os primeiros familiares consideraram o ambiente familiar propício à paz, o outro grupo reconheceu que a família constitui *locus* para a ocorrência de atos violentos a partir do que foi apreendido no seu cotidiano.

As atrações das representações desses dois grupos de familiares estão ancoradas nas questões de gênero: no primeiro grupo, o homem foi representado como incapaz de cometer atos violentos contra a mulher, ressaltando o seu papel de provedor; no segundo grupo, ele foi localizado no centro das relações familiares a partir do seu papel social de provedor.

Estas representações destacaram atrações ao considerar, por um lado, a fragilidade e, por outro, a opressão e submissão da mulher nas relações afetivas com o homem, reafirmando questões de gênero bem evidentes nessas relações.

As representações dos dois grupos abarcaram posicionamentos diferentes: os familiares de religião evangélica apresentaram os motivos e iniquidades sociais traduzidas na desestruturação familiar; os demais familiares apontaram o sofrimento e como essa violência se expressou no dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sociais sobre a violência de gênero das e dos participantes deste estudo estão configuradas a partir de um sistema representacional, sendo que as relações de poder entre o homem e a mulher aparecem como princípios organizadores da violência de gênero, destacando o homem como machista, provedor e com inserção no espaço público e a mulher como cuidadora, frágil e subalterna, o que corrobora os achados em outros estudos.

No fator 1, os familiares traduziram, por um lado, o que pensam sobre como deve ser o convívio entre as pessoas no contexto da violência e, por outro lado, o vivido da violência de gênero. No fator 2, a violência, por um lado, é reportada ao espaço público, com idealização das atitudes aceitas pela sociedade e a punição dos atos violentos; por outro lado, contextualiza-se o sofrimento em decorrência da violência no âmbito privado.

De modo geral, estas representações estão ancoradas em questões culturais e nas desigualdades de gênero, mostrando relações de poder entre o homem e a mulher nas relações afetivas, traduzidas em aspectos destrutivos do vivido da violência, concretizados no sofrimento e morte da mulher e no padecimento de seus familiares.

Considerando que todo tipo de violência é prejudicial à vida e à saúde, acreditamos que são necessários investimentos na formação em saúde, no sentido de instrumentalizar as e os profissionais a atuar levando em consideração todos os tipos de violência.

REFERÊNCIAS

1. Bandeira LM. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Soc Estado*. 2014 Mai-Ago; 29(2):449-69.
2. Stöckl H, Devries K, Rotstein A, Abrahams N, Campbell J, Watts C, et al. The global prevalence of intimate partner homicide: a systematic review. *Lancet* [Internet]. 2013 [cited 2014 Dec 05]; 382(9895):859-65. Available from: [http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(13\)61030-2/fulltext](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(13)61030-2/fulltext)
3. Silva MCM, Brito AM, Araujo AL. Caracterização dos casos de violência física, psicológica, sexual e negligências notificados em Recife, Pernambuco, 2012. *Epidemiol Serv Saúde*. 2013 Jul-Set; 22(3):403-12.
4. Bourdieu P. A dominação masculina. 11ª Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brazil; 2012.
5. Scott J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educ Realidade*. 1995 Jul-Dez; 20(2):71-99.
6. Almeida LR, Silva ATMC, Machado LS. O objeto, a finalidade e os instrumentos do processo de trabalho em saúde na atenção à violência de gênero em um serviço de atenção básica. *Interface*. 2014 Jan-Mar; 18(48):47-59.
7. Rocha-Coutinho ML. Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: Barros ML, organizadora. *Família e gerações*. Rio de Janeiro (RJ): FGV; 2006.
8. Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Trad Pedrinho A Guareschi. 9ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2012.
9. Cibois P. *L'analyse factorielle*. Paris (FR): PUF, Colleccion "Que sais-je?"; 1995.
10. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo (SP): Edições 70; 2011.
11. Silva POM, Trindade ZA, Silva Junior A. As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. *Estud Psicol*. 2012 Set-Dez; 17(3):435-43.
12. Saffioti HIB. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo (SP): Fundação Perseu Abramo; 2004.
13. Leites GT, Meneghel SN, Hirakata VN. Homicídios femininos no Rio Grande do Sul, Brazil. *Rev Bras Epidemiol*. 2014 Jul-Set; 17(3):642-53.
14. Silva EB, Padoin SMM, Vianna LAC. Violence against women and care practice in the perception of the health professionals. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2015 Jan-Mar [cited 2015 Dec 18]; 24(1):229-37. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000100229&lng=en&nrm=iso&tlng=en
15. Jovchelovitch S. Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura. Trad Pedrinho A Guareschi. Petrópolis (RJ): Vozes; 2008.
16. Rodrigues VP, Machado JC, Simões AV, Mendes VMMP, Paiva MS, Diniz, NMF. Prática de trabalhadora(e)s de saúde na atenção às mulheres em situação de violência de gênero. *Texto Contexto Enferm*. 2014 Jul-Set; 23(3):735-46.
17. Vieira LB, Cortes LF, Padoin SMM, Souza IEO, Paula CC, Terra MG. Abuso de álcool e drogas e violência contra as mulheres: denúncias de vividos. *Rev Bras Enferm*. 2014 Mai-Jun; 67(3):366-72.
18. Vieira LB, Padoin SMM, Oliveira IES, Paula CC. Intencionalidades de mulheres que decidem denunciar situações de violência. *Acta Paul Enferm*. 2012 Mai-Jun; 25(3):423-9.
19. Machado JC, Rodrigues VP, Vilela, ABA, Simões AV, Moraes RLGL, Rocha EN. Violência intrafamiliar e as estratégias de atuação da Equipe de Saúde da Família. *Saúde Soc*. 2014 Jul-Set; 23(3):828-40.
20. Vieira EM, Perdona GSC, Santos MA. Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Rev Saúde Pública*. 2011 Ago; 45(4):730-7.
21. Silva ACLG, Coelho EBS, Njaine K. Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em

- inquéritos policiais. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2014 Abr; 19(4):1255-62.
22. Acosta DF, Gomes VLO, Fonseca AD, Gomes GC. Violence against women committed by intimate partners:(in)visibility of the problem. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2015 Jan-Mar [cited 2015 Dec 18]; 24(1):121-7. Available from: http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00121.pdf
23. Carinhanha JI, Penna LHG, Oliveira DC. Representações sociais sobre famílias em situação de vulnerabilidade: uma revisão da literatura. *Rev Enferm UERJ*. 2014 Jul-Ago; 22(4):565-70.
24. Oliveira PP, Viegas SMF, Santos WJ, Silveira EAA, Elias SC. Women victims of domestic violence: a phenomenological approach. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2015 Jan-Mar [cited 2015 Dec 18]; 24(1):196-203. Available from: http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00196.pdf
25. Correia CM, Gomes NP, Couto TM, Rodrigues AD, Erdmann AL, Diniz NMF. Representations about suicide of women with history of domestic violence and suicide attempt. *Texto Contexto Enferm*. 2014 Jan-Mar [cited 2015 Dec 18]; 23(1):118-25. Available from: http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n1/pt_0104-0707-tce-23-01-00118.pdf
26. Almeida GJ. As representações sociais, o imaginário e a construção social da realidade. In: Santos MFS, Almeida LM, organizadores. *Diálogos com a teoria das representações sociais*. Recife (PE): Editora Universitária da UFPE; 2005.
27. Lettiere A, Nakano MAS, Bittar DB. Violência contra a mulher e suas implicações na saúde materno-infantil. *Acta Paul Enferm*. 2012 Jul-Ago; 25(4):524-9.